

Rádio Renascença, Lda.

EMISSORA CATÓLICA PORTUGUESA

RUA CAPELO, 5 — LISBOA-2
TELEFONE 36 01 72/3/4

RUA SÁ DA BANDEIRA, 766 — PORTO
TELEFONE 2 56 78/9

O assalto à Rádio Renascença

1 — Na sequência da ocupação dos estúdios da Rádio Renascença em Lisboa, feita por um grupo de trabalhadores daquele sector, realizada a partir das 19 horas do dia 27 de Maio, cerca das 22.30 do mesmo dia, algumas dezenas de indivíduos completamente estranhos à Emissora e capitaneados por quatro elementos afectos aos estúdios, tomaram de assalto as instalações dos Emissores de Benfca, impedindo os trabalhadores daquele centro emissor de exercer a sua actividade normal.

2 — Com esta ocupação, toda a Zona Sul do País coberta pelos emissores de Onda Média e frequência modulada da Rádio Renascença ficou sob controlo dos assaltantes.

3 — Num total de cerca de 100 trabalhadores da Rádio Renascença, os elementos dos estúdios de Lisboa que comandaram esta operação foram apenas cerca de 20.

4 — Este assalto por parte de uma minoria situa-se dentro de um processo que se avolumou, durante a semana anterior, após a conferência de Imprensa dada pelos trabalhadores dos estúdios de Lisboa (22-5), na sequência de uma entrevista de alguns deles com o Ministro da Comunicação Social (21-5).

5 — Entretanto, os trabalhadores da Rádio Renascença, no Porto, por não terem tido prévio conhecimento da citada conferência de Imprensa decidiram não transmiti-la e após a ocupação dos estúdios e o assalto ao centro emissor de Benfca, cortaram a ligação com Lisboa, passando a transmitir programação própria.

6 — Este ataque e violenta ocupação da Emissora Católica Portuguesa (Lisboa) deixou perplexos a maioria dos seus trabalhadores, a Igreja e o Conselho de Gerência, porquanto:

- a) Em reunião efectuada no dia 26, com o tenente-coronel Alcides de Oliveira (membro da Comissão mista designada em 27-3 para assegurar a programação normal da Rádio Renascença), o Conselho de Gerência alertou-o para a necessidade urgente de garantir a defesa e protecção das instalações da Rádio Renascença.
- b) No dia 27, por volta das 17.30 horas, face à constante repetição de um comunicado dos trabalhadores dos estúdios de Lisboa, foi novamente chamada a atenção do tenente-coronel Alcides de Oliveira para a gravidade do que se estava a passar.
- c) Simultaneamente com a diligência anterior, do Patriarcado de Lisboa era pedido à PSP e ao COPCON a necessária protecção para as instalações (estúdios e emissores) da Rádio Renascença, em Lisboa.
- d) Na iminência do assalto, os próprios trabalhadores do centro emissor de Benfca apelaram insistentemente para a protecção do COPCON.

7 — Cerca das 23 horas desse dia 27, o Conselho de Gerência, tendo tomado conhecimento do assalto e ocupação dos Emissores, contactou imediatamente com o COPCON pedindo a sua intervenção. Foi respondido que só poderia actuar por instruções do Ministro da Comunicação Social.

8 — Contactado o Ministro da Comunicação Social, por volta das 23.30 horas, foi o Conselho de Gerência informado, que já, momentos antes, tinha dado instruções ao COPCON no sentido de desalojar rapidamente os assaltantes.

9 — Imediatamente se voltou a contactar o COPCON a fim de os informar da conversa já havida com o Ministro da Comunicação Social e perguntar quando é que o Conselho de Gerência podia deslocar-se para os Emissores.

10 — Face às respostas consideradas evasivas do COPCON, o Conselho de Gerência, acompanhado da quase totalidade dos produtores independentes (com quem tinha tido uma reunião algumas horas antes), dirigiu-se à sede do COPCON, no Alto do Duque, onde entregou um memorando sobre a situação e exigiu a imediata expulsão dos assaltantes, de acordo com a determinação do Ministro da Comunicação Social.

11 — Ao fim da tarde do dia 28, e mantendo-se a situação, os trabalhadores da Rádio Renascença, em Lisboa, com excepção dos 20 que ocupavam a estação, dirigiram-se ao COPCON manifestando o seu repúdio pela operação desencadeada, a qual punha em perigo a estabilidade da Empresa e a sua própria subsistência.

O assalto à Rádio Renascença

12 — Dado o impasse da situação, a nível de Lisboa, e após contactos entre o Conselho de Gerência, os produtores independentes e os trabalhadores da RR, no Porto, julgou-se conveniente que um dos produtores juntamente com dois trabalhadores, de Lisboa, se deslocassem ao Porto a fim de, através dos microfones da RR, nessa noite de 28 para 29, explicarem aos ouvintes o desenrolar dos acontecimentos. Durante a emissão verificou-se um início de confrontação entre grupos de civis que se reuniram à porta do edifício onde está instalada a RR, no Porto, que foi sanada por intervenção da P.M. Ao mesmo tempo, eram recebidas de todo o País numerosas mensagens de apoio e simpatia e ofertas de auxílio para defesa das instalações.

13 — Ao longo destes dias, realizaram-se várias diligências e a diferentes níveis, em ordem a resolver o problema, as quais continuaram sem qualquer efeito visível.

14 — Na madrugada do dia 31, por forças do COPCON e sob o mandato da Comissão de Inquérito ao 11 de Março, foram presos os trabalhadores do Centro Emissor de Benfica: Máximo Marques, Manuel Diogo e Vítor Diogo, os quais juntamente com os seus colegas se tinham oposto ao assalto àquele centro.

15 — Face à gravidade desta atitude por parte das autoridades, imediatamente o Conselho de Gerência entrou em contacto com as entidades susceptíveis de intervir no processo: COPCON, Comissão de Inquérito ao 11 de Março e Ministério da Comunicação Social.

16 — Por sua vez, ao princípio da tarde do dia 31, o Cardeal-Patriarca, acompanhado do Arcebispo de Mitilene, teve uma entrevista com o General Otelo Saraiva de Carvalho, tendo este informado que se limitava a cumprir ordens do Almirante Rosa Coutinho.

17 — Entretanto, no dia 2 de Junho, após porfiadas diligências, realizadas pelo Conselho de Gerência, são postos em liberdade, cerca das 17 horas, os 3 trabalhadores da RR que se encontravam detidos em Caxias. Na manhã desse dia tinha o referido Conselho sido informado pela Comissão de Inquérito ao 11 de Março que a detenção fora originada por denúncia e que concluídas as averiguações estavam completamente ilibados.

Estamos perante uma ofensiva clara no sentido de retirar à Igreja a possibilidade de fazer chegar a sua voz aos mais diferentes sectores da população portuguesa.

Por isso perguntamos:

- 1 — A quem interessa e quem está empenhado em silenciar a força da luta da Igreja pela verdade, pela justiça, pela liberdade?
- 2 — Qual é a representatividade de cerca de 20 trabalhadores (dos estúdios de Lisboa) para um total de uma centena que exercem a sua actividade na RR?
- 3 — Como se explica a passividade das autoridades perante repetidos avisos do que se poderia vir a passar e após o assalto e ocupação dos estúdios e centro emissor de Lisboa da RR?
- 4 — Nestas circunstâncias, como fazer a distinção entre o «oportunismo» da denúncia caluniosa agora efectuada para a prisão dos três trabalhadores e o facto de se terem oposto ao assalto ao centro emissor, de Benfica?
- 5 — Quando tencionam as autoridades competentes desalojar os assaltantes e devolver à Igreja Católica os Estúdios e Emissores de Lisboa da RR?

Lisboa, 2 de Junho de 1975

II — Ao fim da tarde do dia 28, e mantendo-se a situação, os trabalhadores da Rádio Renascença, em Lisboa, com excepção dos 20 que ocupavam a estação, dirigiram-se ao COPCON manifestando o seu repúdio à situação e a sua oposição à instalação de uma estação de rádio no centro de Benfica.

O CONSELHO DE GERENCIA DA R.R.